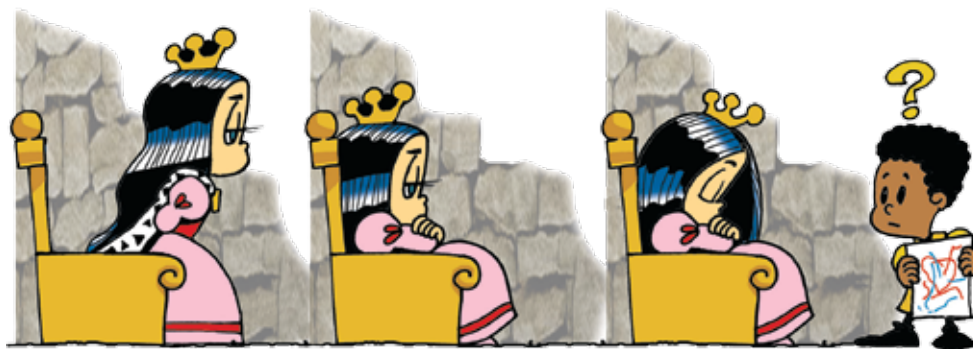




Discussão 5

O papel do adulto em um ambiente organizado para incentivar as interações



No Capítulo 5 da História do Pequeno Reino

Uma verdadeira confusão toma conta do castelo, depois que a Rainha cochila. Ao acordar, a Rainha percebe como a sua presença é fundamental até mesmo para que os pequenos Súditos brinquem entre si.



Mesmo quando a sala é organizada para as brincadeiras infantis, a presença do adulto é fundamental. Ele é uma fonte de referência para as crianças e nós sabemos que, mesmo quando brincam entre si, ou sozinhas, elas sentem a presença do adulto, seu interesse ou não pelo que elas fazem, e esse é um fator muito importante para a criação de um bom ambiente para brincar e para termos boas relações entre as crianças.



Ideias e Sugestões

Muitos educadores afirmam que é fundamental que o adulto, além de pensar na organização de ambientes estimulantes, mostre interesse pelas atividades das crianças que brincam, conversam, desenharam, exploram, inventam, e que ele procure sempre reagir positivamente às suas iniciativas.

Duas atitudes extremas que devem ser evitadas

Se o objetivo do adulto for favorecer as interações entre as crianças é preciso rejeitar duas atitudes extremas: uma é a de decidir tudo pelas crianças, dando ordens o tempo todo. Isso pode provocar rapidamente o desenvolvimento de atitudes muito passivas nas crianças.

Já a segunda atitude a ser evitada é a de retraimento total, com o adulto se desinteressando pelo que as crianças fazem. Isso é péssimo porque as crianças rapidamente percebem a falta de interesse dos adultos, o que pode piorar todo o ambiente da sala, favorecendo o surgimento das brigas e dos choros.



Procurar não interferir nas atividades das crianças que brincam, porém mostrando interesse por elas, responder aos pedidos das crianças, conversar com uma ou com outra, brincar em particular com alguma delas, trocar sorrisos e olhares, colocar-se à vontade com elas, dar incentivo. Essas são ideias simples, que você pode incorporar naturalmente no seu modo de agir com as crianças, e que nos ajudam a evitar esses dois extremos, o de excesso de diretividade e o da indiferença pelas crianças.



Nós sabemos que nem só de momentos em que as crianças interagem entre si é feito o dia a dia de um centro de educação de crianças: muitas vezes, os adultos "assumem o comando" para fazer coisas como organizar as atividades de rotina (como as refeições), fazer uma chamada, contar uma história, fazer um passeio, ouvir uma música, ensinar um jogo, preparar com as crianças uma festa, dar uma explicação sobre algum assunto, etc.

Esses momentos de interação com os adultos, além daqueles em que adultos conversam individualmente



com uma criança, também são fundamentais para que o tempo que ficam conosco seja proveitoso para as crianças.

Ou seja, apesar de estarmos chamando a atenção, nesta quinta discussão, para a tremenda importância de incentivarmos as interações entre as crianças, não estamos sugerindo que essa deva ser a única preocupação dos adultos que trabalham com elas.



Uma questão clássica, a da agressividade

Ao longo das últimas discussões e da História do Pequeno Reino temos insistido sobre a importância das interações entre as crianças. Vamos falar mais um pouco sobre isso, dessa vez analisando com mais calma a função das interações entre as crianças em relação à questão da agressividade:

As discussões e os empurrões são comuns quando as crianças ficam juntas, quando disputam brinquedos ou a atenção dos adultos.

Normalmente os psicólogos nos falam do **valor positivo** dos conflitos entre as crianças. Para eles, o papel da agressividade e dos conflitos com os outros é importante na construção da identidade da criança. Eles sugerem que procuremos deixar ao máximo as crianças resolverem sozinhas suas discussões, e que não nos preocupemos muito com alguns empurrões.

Muitas vezes as crianças se arranjam sozinhas depois de algum tempo, e a intervenção de um adulto pode chamar a atenção para um conflito que é apenas passageiro e sem gravidade para as crianças.

As crianças são extremamente saudáveis e gostam mais de brincar do que de brigar, principalmente se os adultos proporcionam a elas um ambiente seguro e motivador. Esse desejo pode levar à superação de um grande número de conflitos entre crianças.

A criança que recebe um empurrão de outra criança quando tira o brinquedo dela estará aprendendo mais sobre o que é se relacionar com os outros do que a criança que, ao realizar a mesma ação, é imediatamente interrompida pelo adulto. É importante termos consciência desse papel positivo que podem ter os conflitos entre crianças da mesma idade.

Mas, em algumas situações, é preciso agir para controlar as crianças. Por exemplo, quando uma criança começa a agredir outra com violência.

Quando você decidir que é hora de intervir para evitar que uma disputa entre crianças se torne violenta demais, é bom conversar com as crianças, oferecer outras opções, tentar evitar que qualquer das duas se sinta injustiçada ou culpada, não perder a calma justamente quando a criança perde a dela e quando precisa da ajuda de um adulto para aprender a controlar-se.



A importância de definir limites para as crianças

Muitas situações, como, por exemplo, quando uma criança se aproxima de um lugar perigoso, ou quando uma outra resolve jogar brinquedos no vaso sanitário, exigem uma intervenção de um adulto, **para marcar os limites** para as ações das crianças, para acalmá-las, dar novas ideias (por exemplo, oferecendo um novo brinquedo ou atividades como modelagem com massinha, em que a criança pode descarregar um pouco de sua agressividade), para conversar sobre o que está acontecendo, inclusive explicando para a criança o porquê de nossas atitudes de imposição de limites às suas ações.

Aliás, são **as próprias crianças** que, muitas vezes, nos **pedem esses limites**. Elas testam os adultos para descobrir até onde podem ir e, com base nas reações desses, sentem-se mais seguras sobre o que pode ou não ser feito. Um adulto que não interfere nunca é muito diferente de um adulto que se preocupa em interferir o menos possível, mas que mostra interesse e que impõe sua autoridade nos momentos em que isso é necessário.



Cada adulto tem os seus próprios pontos de referência, e define de modo diferente os limites além dos quais não permite que as crianças avancem. Nós não queremos mudar as atitudes de ninguém, mas gostaríamos de lembrar algumas ideias importantes:

- O valor positivo das discussões e debates com e entre as crianças.
- A possibilidade de aceitarmos as formas simbólicas de expressão da violência.
- A necessidade de não perdermos a nossa tranquilidade quando as crianças perdem a delas.
- A utilidade de discutir as regras básicas com todos os adultos que têm contato com as crianças, e de discutir as regras também com as próprias crianças.
- A importância de criar os espaços onde as crianças possam brincar entre si.



O que fazer com as crianças agressivas demais?

O melhor modo de diminuir a agressividade das crianças é oferecendo a elas **um ambiente rico em relações com adultos, com as outras crianças e em possibilidades de ação.**

Mas, mesmo nessas condições, pode ainda existir uma ou outra criança que apresenta muitos comportamentos agressivos. Sabemos que não é fácil lidar com essas crianças, e que não existem fórmulas sobre como agir em cada caso.

Muitas vezes, uma criança agressiva só acaba aprendendo algo sobre os limites para a sua agressividade quando se encontra com outra criança igualmente agressiva. Alguns autores fazem a sugestão de colocar juntas, por um tempo, duas crianças agressivas. Essa é uma sugestão muito delicada e deve ser examinada com muito cuidado em cada caso, se você achar que ela talvez seja uma boa ideia. Em todos os casos, a sua atenção será necessária nesses momentos, se a agressividade ameaçar passar dos limites.



Em muitos autores aparece uma ideia que pode ser resumida assim:

Ao mesmo tempo em que devemos definir os limites para a violência física entre as crianças, podemos **permitir e até criar meios para facilitar a expressão simbólica da violência** (em atividades de desenhar, pintar, modelar, nos jogos, nas histórias que elas contam ou inventam, etc.).

Muitas vezes cenas de violência e até mortes aparecem nas invenções das crianças (em seus desenhos, histórias favoritas, etc.), e podemos aceitá-las, ao mesmo tempo em que fazemos diminuir a violência real entre as crianças.



Cada situação particular em que crianças exibem comportamentos agressivos exige a sensibilidade e o bom senso do adulto e às vezes pode até ser necessária a ajuda de um especialista, como um psicólogo. Para as poucas crianças excessivamente agressivas, a agressão pode acabar sendo a sua única forma de comunicação com os outros e o objetivo, nesses casos extremos, passa a ser o de tentar compreender a criança, ajudando-a a se controlar, a desenvolver mais sua capacidade de brincar e de se comunicar de forma mais construtiva com os outros.

Uma consulta aos livros de Brazelton e de Lapiere (ver as referências bibliográficas) pode dar algumas ideias para lidar com a agressividade infantil.

O que nós podemos afirmar com muita segurança é o seguinte:

- Quanto mais cedo as crianças encontrarem possibilidades de **interagir umas com as outras sob o olhar confiante e protetor do adulto**, maiores serão as possibilidades de que os comportamentos agressivos (ou até mesmo as atitudes retraídas demais) sejam substituídos por formas mais evoluídas de comunicação.



Criar espaços para as crianças se expressarem, uma ótima forma de combater a agressividade

Uma criança agressiva, ou tímida demais, é uma criança que ainda não achou um espaço dentro da sala, que não se sente à vontade para brincar, para falar.

Uma tarefa importante do adulto, segundo certas correntes em pedagogia, é **criar na sala espaços em que cada criança possa encontrar chances de se expressar**. Assim, ela terá mais oportunidades de começar a evoluir para além de sua agressividade, ou retraimento, excessivos.

Uma dessas ideias é a de introduzir uma rotina do tipo "**A Hora da Novidade**" ou "**O que há de novo?**". Nesse momento cotidiano, cada criança que quiser falar sobre algo interessante poderá inscrever-se para fazê-lo, e as outras crianças deverão respeitar uma regra básica:

- Não interromper a criança que fala, nem fazer piadas ou ridicularizá-la.

Caso você resolva experimentar criar um momento como esse, é fundamental deixar essa regra bem clara e cobrar sua aplicação.

Um exemplo permite explicar a importância dessa regra: imagine que você recebe em sua classe uma criança quem vem de um outro país ou de uma região diferente do nosso país, e que essa criança tem um sotaque diferente e muito forte. Provavelmente a criança ficará tímida e, quando falar, pode ser que muitas outras riam dela. Ao mesmo tempo, essa criança pode ter coisas muito interessantes para contar. Você pode estimulá-la a se inscrever para falar na "Hora da Novidade" e, se alguma outra criança começar a comentar



seu sotaque, você deve lembrar a regra de não interromper nem fazer piadas. Ao mesmo tempo, você pode valorizar a diferença da criança com sotaque, contando que ela vem de longe, de um lugar muito diferente, onde todo mundo fala de um jeito diferente, e que ela está sendo muito corajosa e generosa ao resolver dividir sua história conosco...

Com atitudes como essa, você estará ajudando essa criança a integrar-se à rede de relações que existe no grupo.



Se o mundo não está mais criando regras claras, a escola deve ser um espaço em que fazemos isso.

Parece claro que vivemos em um mundo em que as regras são menos claras do que eram há algumas décadas, e em que muitas vezes existe um problema de "falta de autoridade" na educação das crianças que chegam a nossas escolas, da Educação Infantil ao Ensino Médio...

Para muitos autores, essa questão não pode ser ignorada, e é importantíssimo que existam cada vez mais, dentro das escolas, estímulos para que as próprias crianças sejam envolvidas em processos coletivos de criação de regras e de fiscalização de seu cumprimento.

Você pode procurar abrir ao máximo espaço para que o próprio grupo crie suas "leis", ou seja, que aconteçam sempre discussões coletivas sobre os limites que devemos respeitar.

Uma ideia que você pode experimentar é a de instituir momentos coletivos de debate em que todos podem participar, trazer reclamações, dar palpites, decidir sobre "punições" a crianças que não respeitam as regras que nós criamos, etc. Essa é uma ideia que ainda veremos na Discussão 17, quando falarmos sobre os "Conselhos de Classe".

Caso procure incentivar processos como esses, é importante lembrar que muitas vezes você pode ter que intervir, principalmente quando houver ameaça de aplicação muito rigorosa de certas regras criadas pelas próprias crianças, ou quando uma regra estiver "ultrapassada".

De qualquer forma, é importante lembrar que as crianças precisam de regras claras para saber o que podem ou não fazer, e que é dentro desses limites que se deve incentivar ao máximo as interações entre elas, novas experiências, brincadeiras de todos os tipos, etc.

Ao procurar fazer com que elas próprias participem da criação de algumas dessas regras, estamos procurando tornar o processo de "obedecer às leis" mais compreensível para as crianças, especialmente para aquelas que, desde muito pequenas, já começam a agir e, o que é grave, a serem vistas pelos adultos como crianças "fora da lei"...



Como já dissemos, algumas das questões vistas nos últimos parágrafos são abordadas com mais detalhes na Discussão 17. A inspiração para essas ideias e sugestões vem principalmente de uma corrente de pedagogia que na França é conhecida como "Pedagogia Institucional".

Nas referências bibliográficas, as obras que melhor representam essa corrente de "discípulos" de Freinet, que procuraram fazer avançar algumas de suas concepções, são as de Vasquez e Oury, de Pochet e Oury, as de Fonvieille e as de Imbert (ver textos em português e também em francês).



Resumindo

Podemos concluir esta discussão repetindo o que já foi dito na Discussão 2: é brincando entre si, em um ambiente no qual o adulto zela carinhosamente pelo respeito de certos limites, incentivando a participação e a expressão de cada uma das crianças, que elas podem se socializar da maneira mais saudável, inteligente e democrática.

Se você trabalha com crianças **de zero a dois anos**, as ideias apresentadas nesses cinco primeiros capítulos e discussões, somadas ao que dizemos no texto "**5 Sugestões para receber as crianças**", já são suficientes para garantir um dia a dia rico e motivador de inúmeras aprendizagens. Se as suas crianças são novas, você pode consultar as ideias desse texto e depois ir lendo o resto desse livro tranquilamente, "pescando" aqui e ali as ideias que lhe parecerem adequadas para suas crianças.

Para quem trabalha com essa faixa etária, as ideias que foram apresentadas até esse ponto do livro podem ser resumidas assim: em um ambiente organizado com um grande incentivo às brincadeiras (inclusive ao ar livre), às explorações e às interações entre as crianças, os adultos agem também para



propor atividades coletivas (como contar histórias, ensinar jogos, cantar e muitas outras) e para dialogar em particular com cada criança, trocando olhares, carinho, falando sobre o bebê e seu corpo, massageando delicadamente, estimulando os movimentos, acompanhando, nesses momentos especiais de interação, o ritmo de cada bebê (esses diálogos também podem acontecer durante as atividades de rotina, como as refeições, a troca de fraldas, etc., tão importantes no dia a dia dos bebês).

